

Mais riscos nas classes A, B e C.

As classes A, B e C foram as que mais sofreram com os reflexos da crise no Brasil nos primeiros dois meses do ano. Os indivíduos pertencentes a esse grupo aumentaram a probabilidade de migração para as camadas mais pobres. Segundo levantamento divulgado pela Fundação Getúlio Vargas, entre setembro e dezembro do ano passado a chance de decadência de integrantes dessas classes para as D e E era de 2%, risco que saltou para 12% entre ja-

neiro e fevereiro de 2009.

A probabilidade de migração para baixo foi ainda maior para pessoas das classes A, B e C ocupadas no setor financeiro. Segundo a pesquisa – que usa como base dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – entre setembro e dezembro de 2008 a chance era de 9%. Já no primeiro bimestre de 2009, atingiu 13,5%. Movimento similar foi observado para os empregados da indústria, cujas chances de decadência aumentaram de

2,7% para 4,1% em iguais períodos. "Esses números comprovam que a crise bateu forte entre os profissionais qualificados e com salários mais altos", resume o economista Marcelo Neri, responsável pelo estudo. O risco de encolhimento na classe C põe em xeque um dos carros-chefes do governo Lula, o aumento da classe média. "Ainda é cedo para afirmar isso. Vai depender do ritmo das demissões e da retomada da economia", afirma Neri. (AE)